

CEDI - P. I. B.
DATA 09/07/86
COD. Ty DJR

TIRIYŌTERRA

A terra, área onde os Índios Tiriyo e Kaxuianas vivem, ainda não é demarcada. Já começa esta preocupação entre os missionários e Índios. Esta preocupação surgiu com a presença do Índio Antonio Tiriyo que chegou com um desconhecido, por nós. Esta visita não agradou a ninguém e todos ficaram com "mosca na orelha", isto é, ficaram desconfiados com esta súbita chegada destes dois elementos. Claro, todos chegaram a pensar - eles estão a procura de minério nesta região. Estes visitantes voltaram à Belém e não mais retornaram. Na ocasião os Índios fizeram uma reunião e decidiram gravar sua fala, tudo contra esta visita e suas possíveis intenções. Esta fita já foi enviada, ou melhor a tradução dela por escrito, foi para o Brigadeiro. A resposta do sr. Brigadeiro para os Índios ainda não chegou. Claro, o perigo está aí, houve um começo e logo com ajuda de um Índio filho da nação Tiriyo que torna o caso mais sério e triste.

OCUPAÇÃO

Desde o ano passado existe um batalhão do exército militar nesta região onde moram os Índios Tiriyo.

Sabemos, é região de fronteira com Suriname, portanto são guardas fronteira. São de 15 a 22 homens que se revezam de 15 em 15 dias. Seu acampamento fica a uma boa distância da aldeia. Eles chegam uma vez por outra para conhecer a aldeia.

Antes da chegada (no início) do 1º batalhão houve uma certa preocupação dos missionários e caciques com estes novos moradores em sua região. Para isto foi feita uma reunião com o pessoal da aldeia e o tenente responsável pelo batalhão.

O objetivo principal desta reunião - colocar para o tenente da tropa a preocupação da comunidade em relação aos novos ocupantes em sua terra. Foi explicado para a comunidade o porquê da presença dos militares e eles entenderam muito bem. Foi demonstrada também a preocupação com o possível contacto destes homens com suas mulheres Índias. Preocupação esta que foi entendida pelo tenente. Ficou decidido que o cuidado seria de ambos os lados. Como sabemos, as Índias não perdem oportunidade, gostam muito de homens brancos.

Estes homens já estão aqui a alguns meses, pelo que se sabe, não houve nenhum abuso. Quando aparecem por aqui são pessoas reservadas e sérias.

No início o tenente pediu ao superior da missão-Frei Bento- para celebrar a Santa Missa uma vez por outra para seus soldados. Frei Bento tem ido celebrar para eles segundo lhe pediram.

Há também jogo de futebol, Índios X soldados. Uma vez os Índios vão para o campo dos soldados e estes vêm jogar no campo da aldeia.

Não sei para o futuro, mas até agora há um bom relacionamento entre Índios e exército. Como também não se nota que estes os explorem. Que continuem assim.

UMA OUTRA PRESENÇA ENTRE OS ÍNDIOS TIRIYŌ

No dia 04 de fevereiro de 1985, nós irmãs Tarcísia e Teresinha chegamos à missão Tiriyo.

Fomos convidadas pelos padres franciscanos que vivem nesta região a muitos anos.

Vimos por um ano de experiência, esta foi terminada positivamente. Estamos voltando por tempo indeterminado. No final de março virá outra irmã, irmã Victoria, enfermeira. Assim, formamos uma comunidade de três irmãs. Estamos com esperança de dar certo, como foi o ano passado ou melhor.

No ano passado a nossa atuação entre os Tiriyo e Kaxuiana foi boa. Irmã Tarcísia ficou mais em reunir as mulheres índias formando grupos pela manhã e a tarde para ensiná-las trabalhos manuais, corte e costura. Houve muito interesse da parte delas. Aprenderam muitas coisas, além destes trabalhos manuais. Em combinação com Tarcísia eu dava umas "passadinhas" por lá e ensinava-lhes cantos e lia para elas artigos dos jornais que chegavam do CIMI. Notícias de outras aldeias eram ouvidas com muito interesse.

Apesar de não sabermos o seu idioma e nem todos falam português, havia um bom entrosamento entre nós e elas.

Eu fiquei desde o início na escola. Já haviam dois índios ensinando às crianças e Frei Sireno ensinava a turma adulta à noite. Como estávamos em experiência não quis assumir nenhuma turma. Fiquei indo em alguns dias as aulas tanto pela manhã como pela tarde. A turma da noite assumi a pedido do Frei Sireno. Gostei porque foi uma oportunidade de conhecer um pouco mais a turma. A frequência foi boa e o aproveitamento também. Quase todos estão em fase de alfabetização. Aos pequenos foi também interessante. Fiquei responsável pela parte religiosa onde no final do ano preparei uma turma de crianças para a primeira Eucaristia. Ensinei cantos e dava também um pouco de higiene. Dei uma assistência aos dois monitores índios. Uma vez por semana assistia as aulas deles e juntos corrigíamos algumas falhas didáticas e assim foi muito bom. Foram nesses contatos que senti a necessidade de dividir a turma da manhã, fizemos duas turmas, uma na primeira parte da manhã e outra na segunda parte. Era uma só turma, bastante numerosa com idade variadíssimas. As turmas ficaram menores e de quase em mesmo nível. O aproveitamento foi notório. Outra coisa que consegui no ano passado com a ajuda das mães e pais foi uma mini-escolinha para as crianças de 3 a 5 anos. Esta fica no meio da aldeia, era uma casa desocupada que o dono da mesma faleceu e foi abandonada, (alguns tem ainda esse costume). Foi mais de uma semana de duro trabalho para botá-la em ordem. Cobras e vários insetos haviam por lá, mais valeu a pena a trabalhadeira. Os pais fizeram banquinhos baixos e cepinhos para a criança sentar-se. Os bancos são inteiros e compridos que servem de carteira onde elas se apoiam para fazer alguma coisa. As mães trouxeram muitas coisinhas de sua casa, coisinhas pequenas de suas próprias crianças para decorar a nova escolinha, por ex., flechas, arcos, abanos, katari (são grande urús de palhas que elas carregam nas costas para trazer coisas da roça), no nosso caso são pequenos, trouxeram também tipiti grandes e pequenos, cabacinhas enfeitadas com penas de araras e papagaios,

e ainda botei figuras de crianças Índias de outras aldeias, sô sei que ficou um cantinho lindo e aconchegante. Ficava com a criançada das 9:30 até às 11:30 horas. É uma escolinha Casulo, não ainda alfabetização e sim onde elas se sintam em seu ambiente e não uma escola do nosso jeito. Elas se sentem muito bem e não querem sair mais. Lã nôs cantamos, rezamos, fazemos exercícios corporais, fazemos bolinhas, cobras e mil outras coisinhas de sua própria vontade e pintamos tudo depois. Hã também a hora de brincar de roda, esta é sempre bem participada. Sempre hã mães e parentes por lã e que me ajudam quando é preciso. São mais de trinta crianças. São as coisinhas mais lindas da aldeia, amo-as demais.

Neste ano voltamos pra ficar. Chegamos no início de março. Estamos iniciando do tudo. Entre de "cabeça" no ensino e Tarcísia nos trabalhos manuais. Irmã Victória irã chegar no final deste mês.

Irmã Teresinha de Sã Tiriõ

Tiriyõ, 11 de março de 1986

Carolina e Dominique,

Ray, bateu a máquina as cartas de Terezinha e Adrieus Raripne.

Quanto ao paripeiro Frederico disse que se fala estigo.

Um abraço

Carolina